

Emma Byrne

Dizer palavras faz bem

A incrível ciência do calão

Tradução
Nuno Vinha

 Planeta

Para a equipa Science Baby, com amor
e gratidão.

Índice

| | |
|--|-----|
| Introdução: O que é dizer palavrões, foda-se?..... | 11 |
| 1. O cérebro dos palavrões: a neurociência e o calão..... | 31 |
| 2. «Foda-se! Isso dói.» A dor e os palavrões..... | 55 |
| 3. Síndrome de Tourette ou por que este capítulo não deveria estar neste livro..... | 75 |
| 4. Infracção disciplinar: dizer palavrões no local de trabalho .. | 101 |
| 5. «Seu gorila de merda.» (Outros) primatas que dizem palavrões..... | 125 |
| 6. Uma senhora não diz isso: o género e os palavrões..... | 151 |
| 7. <i>Scheiße, merde, cachau</i> : palavrões noutras línguas..... | 177 |
| Conclusão..... | 205 |
| Agradecimentos..... | 209 |
| Bibliografia..... | 211 |

Introdução

O que é dizer palavrões, foda-se?

Os palavrões colhem inspiração de caixas de ressonância tão poderosas e incongruentes como a religião, o sexo, a loucura, as excreções e a nacionalidade, envolvendo uma extraordinária variedade de atitudes, incluindo o que é violento, o divertido, o chocante, o absurdo, o casual e o impossível.

GEOFFREY HUGHES¹

Quando tinha cerca de 9 anos, levei uma palmada por ter chamado pachacha ao meu irmão mais novo. Não fazia ideia do que era uma pachacha – pensava que era uma forma palerma de dizer panhonha –, mas aquela palmada ensinou-me que algumas palavras são mais poderosas do que outras e que teria de ter cuidado com a forma como as usava. Mas, como sem dúvida o leitor se deve ter apercebido, essa experiência não me curou de dizer palavrões. Na verdade, provavelmente deve ter contribuído para espicaçar o meu fascínio pela profanidade. Desde essa altura que tenho um certo orgulho no meu talento para dizer palavrões coloridos e oportunos: sendo uma mulher numa área dominada por homens, aproveitei-o para me camuflar como mais um dos rapazes. Dizer que determinado equipamento é uma merda do caralho é, muitas vezes, um rito de passagem essencial quando entro para uma nova equipa.

¹ G. Hughes, *Swearing: A Social History of Foul Language, Oaths and Profanity in English*, Blackwell, 1991.

Por isso, quando descobri que outros cientistas levam a sério os palavrões há bastante tempo – e que eu não sou a única pessoa que considera útil o uso criterioso da profanidade –, porra, fiquei encantada! Comecei a dar-me conta de que os palavrões eram algo mais do que um gracejo ou blasfémia quando li um estudo que envolvia 67 bravos voluntários, um balde de água gelada, um palavrão e um cronómetro. Na altura trabalhava num laboratório de neurociência e aquele estudo mudou o rumo da minha investigação. Lançou-me na demanda de estudar os palavrões: por que os dizemos, como os dizemos e o que isso nos diz sobre nós mesmos.

Mas o que é dizer palavrões e o que tem isso de tão especial? Será a forma como soam? Ou a forma como nos sentimos quando os dizemos? Será que todas as línguas contêm palavrões? Por que tentamos ensinar os nossos filhos a não dizer palavrões, mas acabamos sempre por ter de lhes ordenar que não digam palavrões? Graças a um enorme leque de cientistas, desde cirurgiões da época vitoriana a neurocientistas modernos, sabemos muito mais acerca dos palavrões do que costumávamos saber. Mas como dizer palavrões ainda é considerado chocante (houve muita angústia acerca da sensatez, ou não, de usar um palavrão no título deste livro), essa informação ainda não chegou ao grande público. Dá uma pena do caralho que os fascinantes factos acerca dos palavrões ainda estejam, maioritariamente, fechados em revistas especializadas e compêndios.

Por exemplo, de certeza que não sou a única pessoa que usa os palavrões como forma de me sentir enquadrada no trabalho. Pelo contrário, os estudos mostram que os palavrões podem ajudar a fortalecer as equipas no local de trabalho. Da fábrica à sala de operações, os cientistas demonstraram que as equipas que partilham um léxico grosseiro tendem a trabalhar melhor em conjunto, sentem-se mais próximas e são mais produtivas do que aquelas que não o fazem. Estes mesmos estudos demonstram que gerir o *stress* da mesma forma que gerimos a dor – com um palavrão do caralho – é mais eficaz do que qualquer exercício de *team building*.

Dizer palavrões também ajudou a desenvolver o campo da neurociência. Fornecendo-nos um utilíssimo barómetro emocional, praguejar tem sido usado como ferramenta de investigação há mais de 150 anos.

Ajudou-nos a descobrir algumas coisas fascinantes sobre a estrutura do cérebro humano, tal como a divisão entre os hemisférios esquerdo e direito e o papel de estruturas cerebrais como a amígdala na regulação das emoções.

Dizer palavrões também nos ensinou imenso acerca das nossas mentes. Sabemos que as pessoas que aprendem uma segunda língua consideram, muitas vezes, menos stressante dizer palavrões na língua adoptiva, o que nos dá uma ideia acerca das fases de desenvolvimento na infância em que aprendemos as emoções e os tabus. Dizer palavrões também faz com que o coração bata mais depressa e prepara-nos para ter pensamentos agressivos enquanto, paradoxalmente, nos torna menos propensos a ser fisicamente violentos.

E os palavrões constituem uma parte surpreendentemente flexível do nosso repertório. Reinventam-se de geração para geração, à medida que os tabus mudam. A obscenidade até se tornou parte da forma como expressamos sentimentos positivos – sabemos que é tão frequente os adeptos de futebol usarem o *foda-se* quando estão contentes como quando estão zangados ou frustrados.

Esta última conclusão é uma das minhas. Juntamente com colegas da City University, de Londres, estudei milhares de adeptos de futebol e a linguagem obscena que usavam durante os grandes jogos. Não é grande surpresa que os adeptos de futebol dizem palavrões, nem é surpresa que são grandes apreciadores do *foda-se* e do *merda*. Mas notámos algo interessante acerca do rácio entre estes dois palavrões. O rácio *foda-se/merda* é um indicador fiável sobre a equipa que acaba de marcar, porque *merda* é quase universalmente negativa, enquanto *foda-se* pode sinalizar algo bom *ou* mau. Os palavrões entre os adeptos do futebol também não são, nem de perto, tão agressivos como se poderia pensar; no Twitter, os adeptos quase nunca escrevem palavrões sobre os seus adversários e reservam os seus acessos de raiva para jogadores da sua própria equipa¹.

¹ E. Byrne e D. Corney, «Sweet FA: Sentiment, Soccer and Swearing», em S. P. Papadopoulos *et al.* (eds.), *Proceedings of the Somus ICMR 2014 Workshop, Glasgow, Scotland, 01-04-2014* – publicado em <http://ceur-ws.org>.

Ter publicado aquela investigação deu-me uma perspectiva privilegiada sobre o grau de desaprovação pública que os palavrões ainda atraem. Fomos contactados por um jornalista de um dos jornais mais lidos do Reino Unido. Não vou dizer qual foi o jornal, mas é muito conhecido pelo seu espampanante tom moralista, ao mesmo tempo que publica fotos de mulheres, tiradas com teleobjectivas, acusando-as depois de estarem a «pavonear» certas partes do corpo. Perguntou-nos (a) quanto dinheiro tinha sido gasto (desperdiçado) na investigação e (b) se não seria melhor se fizéssemos algo útil (como encontrar a cura para o cancro). Respondi que o custo total da investigação – as 6,99 libras gastas numa garrafa de vinho enquanto decidíamos qual seria a hipótese – tinha sido autofinanciado e que eu e o meu co-autor éramos cientistas de computadores com um conhecimento muito limitado de oncologia, pelo que provavelmente seria melhor mantermo-nos afastados de qualquer interferência em pessoas com cancro. Não recebemos resposta. Mas esta conversação tornou evidente o facto de os palavrões ainda estarem muito longe de constituir um tema de investigação respeitável.

Dizer palavrões é uma daquelas coisas que acontece tão naturalmente e parece tão frívolo que o leitor ficaria espantado com o número de cientistas que estão a estudar o tema. Mas os neurocientistas, os psicólogos, os sociólogos e os historiadores há muito que demonstraram um interesse no calão, e com boas razões para isso. Apesar de o uso dos palavrões *parecer* frívolo, este ensina-nos muito acerca da forma como funcionam os nossos cérebros, as nossas mentes e até as nossas sociedades.

Este livro não vai olhar para os palavrões de forma isolada. Uma das coisas que torna o uso dos palavrões espectacular para caralho é a grande amplitude de ligações que estes têm com as nossas vidas. Ao longo deste livro vou cobrir muitos tópicos diferentes, alguns dos quais poderão parecer divagações. Muitas páginas não contêm qualquer tipo de obscenidade, mas, desde a forma indirecta dos padrões de linguagem do japonês até às consequências não intencionais de treinar chimpanzés para usarem o bacio, tudo está relacionado com a forma como usamos o calão.

É este livro uma tentativa de, simplesmente, justificar a grosseria e a agressão? Nada disso. Eu não gostaria, certamente, que as obscenidades se tornassem banais: para serem eficazes, os palavrões precisam de manter o seu impacte emocional. Basta-nos olhar para a forma como os palavrões mudaram nos últimos cem anos para perceber isso, e, à medida que alguns deles se tornam suaves e ineficientes devido ao excesso de uso ou à mudança dos valores culturais, recorreremos a outros tabus para preencher o vazio. Antigamente, a blasfémia era a verdadeira obscenidade, mas as palavras indizíveis modernas incluem termos racistas e sexistas como palavrões. Dependendo do nosso ponto de vista, isto ou é uma lamentável mudança rumo ao politicamente correcto ou um reconhecimento atempado de que o preconceito é feio e prejudicial.

O que é dizer palavrões?

Historicamente, o calão era constituído por palavrões, juras e maldições. Isso porque se considerava que esse tipo de expressões orais continha um tipo específico de magia da palavra. O poder de um juramento, uma promessa ou uma praga eram capazes de trazer uma calamidade ou, literalmente, mudar o mundo.

Actualmente, não acreditamos realmente que o palavrão seja capaz de alterar a realidade. Ninguém espera que a praga «vai-te foder» resulte em danos maiores do que um orgulho ferido. No entanto, ainda assim envolve uma espécie de magia da palavra: dizer palavrões, praguejar, o calão, a profanidade, a obscenidade – chamem-lhe o que quiserem – alimenta-se e remete para os tabus e é aí que reside o seu poder.

Isso não significa que os palavrões sejam sempre usados como um veículo para a agressão e o insulto. Na verdade, estudo após estudo demonstra que é tão provável que os palavrões sejam usados quando estamos frustrados connosco, em solidariedade ou para nos divertirmos, como quando queremos usá-los como «palavras de combate». Isso pode ser um problema: palavrões e insultos são dois tipos de

animais muito escorregadios de definir e, sem definições claras de um fenómeno, como o podemos estudar? Entre as centenas de estudos que li enquanto estava a escrever este livro, duas definições comuns apareceram uma e outra vez: palavrões são (a) palavras que as pessoas usam quando estão num estado altamente emocional e (b) palavras que remetem para alguma coisa que é tabu. Se pensar nas palavras que costuma classificar como palavrões, verá que assinala ambos os quadradinhos.

Vários linguistas tentaram, de forma mais formal, destrinçar exactamente o que constitui um palavrão. Entre eles está o Professor Magnus Ljung, da Universidade de Estocolmo, um conceituado especialista em palavrões. Em 2011 publicou o livro *Swearing: A Cross-Cultural Linguistic Study*, no qual, baseado no estudo de milhares de exemplos e do que tinham em comum, define os palavrões como sendo:

- palavras tabu como *foda-se* e *merda*,
- que não são usadas literalmente,
- que podem ter várias formulações,
- e que são emotivas: o palavrão envia um sinal acerca do estado de espírito do seu emissor.

No seu livro *What the F*, Benjamim K. Bergen indica que, das 7000 línguas conhecidas no mundo, há uma enorme variação no tipo, no uso e até no número de palavrões¹. O russo, por exemplo, com as suas elaboradas regras de flexão, tem um número quase infinito de formas de dizer palavrões, a maioria dos quais relacionados com a idoneidade moral da mãe do interlocutor. Em japonês, língua na qual o tabu relacionado com excreções quase não existe (daí o carinhoso emoji cocó), não há equivalente a *merda* ou *mijo* mas, contrariamente à crença popular, existem vários palavrões nesse idioma. Podemos traduzir *kichigai*, de forma livre, como *atrasado mental* e os *media* costumam

¹ B. K. Bergen, *What the F: What Swearing Reveals about Our Language, Our Brains and Ourselves*, Basic Books, 2016.

substituí-la por um sinal sonoro, tal como fazem com *kutabare* (algo como «vai morrer longe»). E, tal como em tantas outras línguas, a rainha dos palavrões é *manko*, que se refere a uma parte do corpo que é um tabu tão grande que a artista Megumi Igarashi foi detida em 2014 por ter feito moldes em 3D da sua *manko* para uma instalação em Tóquio.

As línguas variam quanto ao repertório de palavrões; é uma consequência natural das diferenças culturais. Bergen sugere que as línguas se inserem numa de quatro categorias – aquilo que ele chama de princípio *Holy Fucking Shit Nigger*. As línguas são dominadas por palavrões religiosos, palavrões relacionados com a cópula ou palavrões relacionados com excrementos. A quarta categoria refere-se a palavrões baseados em insultos, mas até ao momento ainda não encontrei línguas dominadas por insultos. Existem idiomas nos quais os tabus mais mal vistos incluem nomes de animais. Na Alemanha, por exemplo, pode-se apanhar uma multa de entre 300 e 600 euros por chamar a alguém *vaca tonta* e até 2500 euros por chamar *porco velho*¹. Enquanto isso, no holandês existe um verdadeiro batalhão de palavrões relacionados com doenças: chamar *doente de cancro* (*Kankerlijer*) a um polícia pode valer-lhe dois anos de prisão².

Bergen também quis saber se as características dos palavrões os diferenciam. Em inglês dos Estados Unidos, os palavrões tendem a ser mais pequenos do que a média, mas esse não é o caso do francês ou do espanhol. Também não é provável que seja o som das palavras, uma vez que algumas palavras que têm um som inócuo numa língua podem soar altamente ofensivas noutra. Isto tem sido usado para provocar gargalhadas desde o tempo de Shakespeare, com a cómica «English Lesson» na peça *Henrique V*. A princesa francesa Katherine quer aprender inglês com a sua aia, Alice. Tendo conseguido aprender *elbow*, *neck*

¹ E. Welhoffer, «Strafe Für Beleidigungen: Wie Teuer Ist Der “Stinkefinger”?», *Express.de*, 15 de Março de 2016 – www.express.de/news/politik-und-wirtschaft/recht/beleidigung-beschimpft-straft-schimpfwort-teuer-anzeige-straftbar-1261268-seite2.

² Rechtspraak.nl (base de dados dos casos e decisões nos tribunais holandeses) – https://uitspraken.rechtspraak.nl/#zoekver_jn/ljn=Bd2881.

e *chin* (cotovelo, pescoço e queixo), pergunta como se diz *pied* e *robe* (pé e vestido):

Katherine: «*Ainsi dis-je! D'elbow, de nick, et de sin. Comment appelez-vous le pied et la robe?*»

(«Foi o que eu disse! *D'elbow, de nick, et de sin.* Como se diz *pied* e *robe?*»)

Alice: «*Le foot, Madame, et le count.*»

Katherine começa a ter um ataque de histeria, sendo que a piada é que o termo inglês *foot* (pé) parece-se um pouco com o termo francês *foudre* (foder) e *count* (uma corruptela de Alice para a palavra *gown*) soa como *con* (con):

«*Le foot et le count. Ô Seigneur Dieu! Ils sont mots de son mauvais, corruptible, gros, et impudique, et non pour les dames d'honneur d'user! Je ne voudrais prononcer ces mots devant les seigneurs de France pour tout le monde. Foh! Le foot et le count!*»

(«*Foder e cona.* Oh meu Deus! São palavras horríveis, corruptas, grosseiras e rudes, que não devem ser usadas por uma senhora de virtude! Por nada deste mundo diria estas palavras em frente aos senhores de França! Foh! *Foder e cona!*»)

Se o comprimento ou o som das palavras não nos indica o que constitui um palavrão, então o que podemos fazer? Alguns linguistas tentaram definir os palavrões pelas partes do cérebro envolvidas. No seu livro *Language, the Stuff of Thought*, o linguista e psicólogo Steven Pinker salienta que dizer palavrões difere da linguagem «genuína» e sugere que estes não são gerados pelas partes do cérebro responsáveis pelo «pensamento elevado» – o córtex ou as camadas exteriores do cérebro. Pelo contrário, os palavrões vêm do subcórtex – a parte do cérebro responsável pelo movimento, as emoções e as funções corporais. É, como sugere o autor, mais um grito animal do que linguagem humana.

À luz dos mais recentes avanços científicos, não concordo. É verdade que dizer palavrões está fortemente enraizado no nosso comportamento, mas, ao ler a definição de Pinker, poderíamos até concluir que os palavrões são uma parte residual, primitiva do nosso léxico; algo de que nos deveríamos distanciar, através da evolução. Há um

crescente número de outras investigações que mostram como os palavrões são importantes para nós, como indivíduos, e como evoluíram ao mesmo tempo que nós e até moldaram a nossa cultura e a nossa sociedade. Longe de serem um simples grito, os palavrões são um complexo sinal social, carregado de significado emocional e cultural.



Se queremos definir os palavrões, por que razão não fazemos algo tão simples como procurar no dicionário? Para começar, os dicionários conseguem ser incrivelmente esquivos em relação aos palavrões. Quando compilou o seu dicionário em 1538, Sir Thomas Elyot não tinha qualquer dúvida quanto ao tipo de pessoas que vão à procura de palavrões, pelo que os deixou de fora. «Se alguém quiser palavras obscenas com as quais possa excitar desejos adormecidos enquanto as lê, pois que consulte outro dicionário.»¹ O Dr. Johnson, ao ser elogiado por duas senhoras da sociedade por ter deixado as «palavras marotas» de fora do seu dicionário, replicou: «O quê? Minhas caras! Então andaram à procura delas?»² No clímax do puritanismo vitoriano, o *Oxford English Dictionary* usava a palavra *ineffables* (indizível ou inefável) para *calças* e mesmo com o século xx já bem adiantado deixava de fora *foder*, *cona* e *the curse*³, apesar de incluir todos os palavrões religiosos e raciais. Como aparte, considero interessante que existam bastantes eufemismos para menstruação, incluindo «aquela altura do mês», «estar com o *chico*» e «o Benfica joga em casa», mas o conceito nunca deu origem à sua própria classe de palavrões. As únicas que conheço são *bloodclaat* e *rassclaat*⁴ em patuá jamaicano. Na parte final

¹ M. Mohr, *Holy Sh*t: A Brief History of Swearing*, Oxford University Press, 2013.

² Hughes, *Swearing*.

³ Literalmente quer dizer «a maldição», mas refere-se à menstruação. (*N. do T.*)

⁴ O *Oxford Dictionary* diz que *rassclaat* é calão grosseiro jamaicano para «pessoa desprezível, indigna de respeito», mas a palavra resulta da junção de *rass* (rabo ou vagina, consoante as fontes) e *claat* (pano), pelo que *Rassclaat* é, literalmente, pano para a menstruação. (*N. do T.*)

do século xx, outros lexicógrafos ainda deixavam cair palavras com base na sua aceitabilidade pela sociedade educada. Em 1976, o dicionário americano *Webster's* deixava cair *dago*, *kike*, *wop* e *wog*¹, com a seguinte nota prévia: «Este dicionário dispensa facilmente as verdadeiras obscenidades, os termos de opróbrio racial ou étnico que, de qualquer forma, encontramos com cada vez menos frequência nos dias de hoje.»

Os editores do *Webster's* tinham bons motivos, mas talvez fossem um bocadinho ingênuos. Não incluir as palavras no dicionário não as retira da nossa linguagem. E embora estivessem esperançados de que em 1976 se vivia uma nova era de harmonia racial e étnica, o nosso ponto de vista privilegiado, 40 anos depois, diz-nos que estavam a ser levados por um optimismo tocante.

Portanto, quem decide o que constitui uma verdadeira obscenidade? A resposta é: todos nós. Dentro dos nossos grupos sociais, das nossas próprias tribos, decidimos o que é e o que não é tabu e que tabus são aceitáveis quebrar para efeitos emocionais ou retóricos. Mesmo dentro de um país, as classes sociais podem ter influência no que constitui ou não um palavrão. De acordo com Robert Graves, autor do ensaio de 1927 *Lars Porsena or the Future of Swearing*, o termo *bastard* (bastardo) era imperdoável entre as «classes subordinadas», enquanto *bugger*² (que Graves nem consegue pôr por escrito, preferindo usar «pessoa fixada em vícios *contra natura*» e o estranhamente xenófobo «herético búlgaro») era um insulto muito mais letal no escalão a que o próprio Graves pertencia.

«Nas classes governantes há uma tolerância muito maior para com os bastardos, que frequentemente têm sangue nobre, ou mesmo real, a correr-lhes nas veias», escreveu. *Bugger* era menos ofensivo entre os

¹ Referências em calão étnico inglês para, respectivamente: italianos e outros povos latinos, judeus, italianos e estrangeiros de pele escura, sobretudo árabes ou oriundos do Norte de África. (*N. do T.*)

² Originalmente, em calão do Reino Unido, alguém que pratica sodomia (em português vulgar e ofensivo, *paneleiro*). O palavrão evoluiu e, hoje, consoante o contexto e a entoação, pode traduzir desde o simples *porra* ao forte *cabrão*. (*N. do T.*)

subordinados, porque estes «estão mais livres do hábito homossexual», teorizou Graves de forma algo simplista. Mas «quando, há uns 30 anos, a palavra foi escrita abertamente num *placard* do clube, como acusação a um dos seus membros», e aqui Graves não tem coragem de mencionar o nome de Oscar Wilde, «seguiu-se uma terrível explosão social, cujo pó ainda hoje não assentou completamente».

No entanto, apesar de o palavrão variar de grupo para grupo, ainda consegue ser surpreendentemente padronizado. Muitos dos palavrões, pelo menos em inglês, usam apenas umas poucas construções. Por exemplo, Geoffrey Hughes, autor de *Swearing: A Social History of Foul Language, Oaths and Profanity in English*, salienta que os substantivos *Christ*, *fuck*, *pity* e *shit* (Cristo, foda-se, pena e merda) nada têm em comum a não ser o facto de poderem ser usados na construção *for _____'s sake*.

Pensei nas construções que uso e ouço com regularidade e apercebi-me de que existem muitas frases gramaticalmente correctas que são usadas muito raramente (e algumas que são gramaticalmente incorrectas, como *cock it* e *oh, do cock off*¹, que uso regularmente). Por exemplo, em inglês *shit* (merda) é tanto um verbo como um substantivo, mas penso que nunca ouvi ninguém dizer *shit it!* ou *shit you* como frase completa. *Shit* como verbo parece ter um significado muito específico actualmente: provocar ou mentir a alguém, como em *You're shitting me!* (Estás a gozar comigo!) e a adorável e arcaica resposta *I shit you not*. Por seu lado, as mais flexíveis *fucking* (um foda-se como intensificador de outra palavra) e *buggery* (outro intensificador muito variável, muitas vezes: que chatice/que caralho) podem entrar em quase todas as frases de calão.

¹ *Cock it* e *cock off* têm as mesmas aplicações que *fuck it* (que se foda) e *fuck off* (vai p'ró caralho). (N. do T.)

**Padrões de construções comuns
no calão do inglês britânico**

| | You___ | ___you | ___off | ___it | ___ing/ ___y |
|-------------------------------|--------|--------|--------|-------|-----------------|
| <i>Cunt</i> (subst.) | * | o | o | o | * |
| <i>Fuck</i> (subst., verbo) | * | * | * | * | * |
| <i>Shit</i> (subst., verbo) | * | ~ | ~ | ~ | * |
| <i>Cock</i> (subst.) | * | o | * | * | * |
| <i>Arse</i> (subst.) | * | o | o | * | * |
| <i>Piss</i> (subst., verbo) | ~ | ~ | * | ~ | * |
| <i>Fart</i> (subst., verbo) | ~ | ~ | ~ | ~ | * |
| <i>Bugger</i> (subst., verbo) | * | * | * | * | * |
| <i>Damn</i> (verbo) | o | * | ~ | * | o |

Legenda:

* usado regularmente

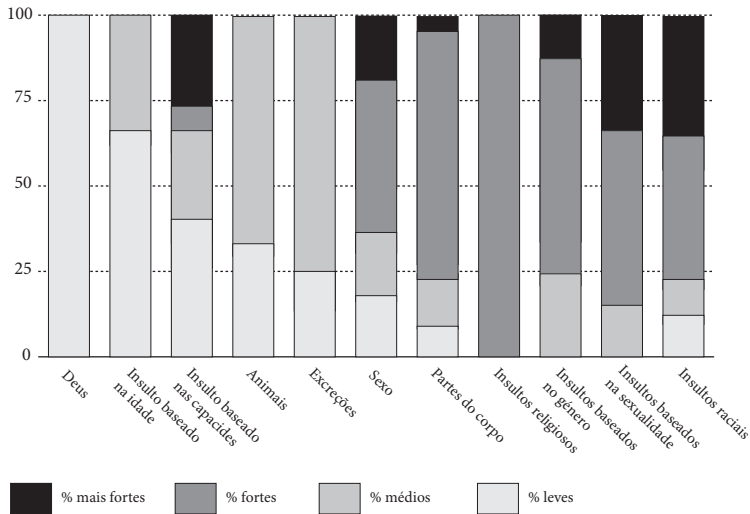
~ gramaticalmente correcto, mas raramente usado

o gramaticalmente incorrecto

O regulador britânico para a rádio e televisão, o Ofcom, realizou recentemente um inquérito sobre a atitude do público face aos palavrões na televisão e na rádio e o dramático sumário dos resultados aparece na figura 1¹. Dos «quatro grandes» tipos de palavrões no inglês britânico (religiosos, copulatórios, excretórios e baseados em comentários depreciativos), os palavrões religiosos foram considerados os menos ofensivos, enquanto os palavrões depreciativos – especialmente os que são baseados na raça ou na sexualidade – foram considerados os mais ofensivos.

¹ Ofcom, «Attitudes to Potentially Offensive Language and Gestures on TV and Radio» – www.ofcom.org.uk/research-and-data/tv-radio-and-on-demand/tv-research/offensive-language-2016.

Figura 1: As proporções de palavrões fortes e leves por categorias



Na verdade, um estudo prestes a ser publicado, que analisa mais de 10 milhões de palavras em discurso gravado, recolhido de 376 voluntários, conclui que muitos comentários depreciativos homofóbicos e racistas desapareceram do discurso rotineiro das pessoas. Clássicos reconhecidos como *fuck you* (vai-te foder) e *bugger off*¹ parecem existir desde sempre e certamente que não lhes falta força para se manterem por aí. No entanto, aposto que daqui a algumas gerações estes palavrões vão parecer tão bizarros como *blast your eyes* (que fiques ceguinho) ou tão arcaicos como *sblood* (abreviatura de «sangue de Deus»). À medida que os nossos valores mudam, os palavrões reinventam-se constantemente a si mesmos.

¹ Uma forma mais «educada» de *fuck off*, usada com o sentido de «desaparece». (N. do T.)

Como mudam os palavrões ao longo do tempo

Os palavrões são como um cão-guia – um canário de boca suja numa mina de carvão – que nos diz quais são os tabus da nossa sociedade. Um *Jesus Cristo!* há 150 anos era tão ofensivo como um *foda-se* ou um *merda* nos dias de hoje. Em contrapartida, há palavras usadas por autores reconhecidos, de Agatha Christie a Mark Twain – palavras que costumavam ser usadas em canções infantis –, que hoje não passariam o crivo da sociedade educada.

A aceitabilidade dos palavrões como um todo recrudescer ou esbater-se com o passar do tempo. O muitíssimo mal denominado *Master of the Revels*¹, que presidia o teatro em Londres no tempo de Shakespeare, banuiu qualquer tipo de profanidade em palco. É por isso que as edições originais de *Othello* e *Hamlet* contêm imprecações como *sblood* e *zounds* (corruptela de «chagas de Deus»), tendo ambas sido cortadas das edições posteriores já em formato fólio.

Algumas gerações mais tarde, já *zounds* era uma palavra fóssil que apenas se podia encontrar no papel, a forma de pronunciar passou a *zaunds* e a palavra perdeu toda e qualquer ligação com a sua raiz, graças ao zelo com que o termo foi escorraçado da cultura popular da altura.

A censura feita a Shakespeare não é a única prova que temos das mudanças que aconteceram no que é considerado linguagem socialmente inaceitável. Linguistas e historiadores estudaram as tendências ao longo dos anos e identificaram uma enorme mudança durante o Renascimento, na Europa. Na Idade Média, as regras de privacidade e de modéstia eram muito diferentes. Falar sobre partes e funções do corpo não era automaticamente considerado obsceno ou ofensivo. Mas durante o Renascimento, os termos para partes corporais começaram a substituir imprecações e pragas, tornando-se as verdadeiras obscenidades daquele tempo.

¹ Mestre do entretenimento na corte, na época de William Shakespeare (séculos XVI e XVII). (*N. do T.*)

Essa evolução ainda está a decorrer, com as palavras depreciativas que envolvem raça e sexualidade a assumirem o cume do indizível, seguindo-se palavras sobre deficiência. Isto acontece, parcialmente, porque estamos mais conscientes do efeito de um estado de espírito conhecido como alterização. A alterização é um poderoso atalho mental que herdámos de longe, das primeiras sociedades de primatas. Todos temos a tendência para, de forma subconsciente, identificar as diferenças entre nós e os outros e para dividir o mundo entre «pessoas como nós» e «pessoas que não são como nós». Tendemos a ser mais generosos – e a confiar mais – para com as pessoas que são mais como nós. O problema é que ao longo de centenas de anos (pelo menos) os grupos mais poderosos perseguiram e exploraram os menos poderosos. E as palavras que temos para essas pessoas nos grupos menos poderosos tendem a reforçar esses padrões de subjugação, o que leva a algumas emoções incrivelmente poderosas. Steven Pinker, ao escrever (como homem branco) no *New Republic*, considerava: «Ouvir a palavra *preto* é experimentar, ainda que por breves instantes, o pensamento de que existe alguma coisa digna de desprezo nos afro-americanos.»¹

O seu desconforto quanto à palavra depende da sua atitude para com as pessoas com base na raça, da mesma forma que o seu desconforto quanto à blasfémia depende de acreditar ou não em divindades. Sei que sou um produto da minha idade, classe e educação (a típica leitora do *The Guardian*, com quarenta e tal anos, de classe média), mas acho, definitivamente, mais desconfortáveis os epítáfios racistas e os comentários derogatórios baseados na sexualidade do que todos os merdas e foda-se do mundo. Preferiria, de longe, que as funções corporais fossem a fonte do poder dos palavrões, em vez da raça ou da sexualidade de alguém. Sem foder, a maioria de nós não estaria cá e o escatológico une-nos a todos. Nas palavras do autor japonês Taro Gomi: «Toda a gente faz cocó.»

¹ S. Pinker, «What the F***?», *New Republic*, 8 de Outubro de 2007 – <https://newrepublic.com/article/63921/what-the-f>.

Quem diz palavrões e porquê?

Confesso que uso imenso os palavrões de que gosto. Já os usei para fazer as pessoas rir, para solidificar amizades e para mostrar um lado «duro» ou «com tomates» da minha personalidade. E, tal como o resto das pessoas, já usei palavrões em momentos de dor e de frustração, como forma de ser engraçada ou para avisar que estou perto de chegar à violência. Pouco depois de ter começado a viver em França, quando tinha vinte e poucos anos, um homem cortou-me o caminho quando regressava a casa e decidiu meter a mão pela minha saia acima. Apesar de não ter feito qualquer tentativa em concreto para aprender palavrões em francês, fiquei estupefacta com a fluência – e com a fúria – com que lhe disse para ir levar no cu, o filho-da-puta. Em poucas semanas a ver filmes e televisão em francês já tinha apanhado, inconscientemente, palavrões suficientes para assustar um tipo que me assediou na rua.

Não sou, de forma alguma, um caso especial. Apesar de existirem algumas pessoas que garantem que nunca dizem palavrões, quase todas as pessoas podem, de uma maneira ou de outra, ser levadas a ter uma explosão surpreendente (excepto um grupo muito específico de doentes de AVC, cuja total incapacidade de dizer palavrões nos ajudou a identificar o papel das emoções no cérebro). Sabemos, no entanto, que os homens tendem a dizer ligeiramente mais palavrões do que as mulheres, apesar de a diferença estar a diminuir. Também sabemos que é mais provável as pessoas de esquerda dizerem palavrões nas redes sociais do que as pessoas de direita¹, e que os palavrões não são, de todo, sinal de um vocabulário atrofiado².

¹ K. Sylwester e M. Purver, «Twitter Language Use Reflects Psychological Differences Between Democrats and Republicans», *PLoS ONE* 10, 2015, e0137422 – doi:10.1371/journal.pone.0137422.

² K. L. Jay e T. B. Jay, «Taboo Word Fluency and Knowledge of Slurs and General Pejoratives: deconstructing the Poverty-of-Vocabulary Myth», *Language Sciences* 52, 2015, pp. 251 a 259 – doi:10.1016/j.langsci.2014.12.003.

Há dois tipos diferentes de palavrões a que vou fazer referência ao longo de todo o livro. Cientistas e linguistas fazem uma muito útil distinção entre palavrões proposicionais e não proposicionais. Os palavrões proposicionais são escolhidos deliberadamente pelo seu efeito e processados essencialmente no hemisfério esquerdo para obterem estrutura, som e significado. O palavrão não proposicional é a explosão não planejada, não intencional, que surge quando somos surpreendidos ou nos magoamos, e assenta mais nas partes do cérebro que processam as emoções. Isto não quer dizer que os palavrões proposicionais sejam palavrões «do lado esquerdo do cérebro» e que os palavrões não proposicionais sejam «do lado direito do cérebro»: as várias partes do corpo têm de trabalhar em conjunto, de formas complexas que só agora estamos a começar a entender, para que possamos produzir e compreender qualquer tipo de palavrão.

É provável que até aqueles que gostam de evitar os palavrões proposicionais deixem escapar uma pequena asneira não proposicional de vez em quando, mas as condições laboratoriais levam a que seja mais usual o estudo dos palavrões proposicionais. Não porque seja pouco ético chocar alguém ao ponto de se chegar a uma luta de palavrões (por vezes de forma mesmo literal); é só porque é muito mais fácil fazer com que os voluntários produzam, a pedido, os palavrões proposicionais.

O caso do desaparecimento do caralho e do cu: notas sobre os palavrões transatlânticos

Uma das dificuldades que encontrei ao escrever este livro foi o factor «separados por uma língua comum». Muitos dos estudos provêm da América do Norte, Nova Zelândia e Austrália. Cada um destes países fala um inglês com algumas variantes próprias e é inegável que os hábitos relativos a palavrões conseguem ser muito diferentes.

O Reino Unido, a Austrália, a Nova Zelândia e a República da Irlanda têm, provavelmente, as maiores afinidades. Em cada um destes países, uma orgulhosa tradição de abusos jocosos e um saudável desrespeito

pela autoridade combinam-se para formar uma abordagem robusta ao palavrão. Os EUA e o Canadá, no entanto, são muito mais desnivelados nas suas atitudes para com a linguagem imprópria. Há numerosos sectores da sociedade que acham altamente ofensivo qualquer palavrão, de qualquer tipo e que, provavelmente, rejeitarão em absoluto dizer quaisquer outros palavrões que não apenas os mais ligeiros.

Uma sensibilidade estilo vitoriano manteve a sua influência no mundo anglófono até ao século xx. Winston Churchill alega que foi repreendido por uma senhora americana, anfitriã da alta sociedade, por ter pedido carne do peito quando lhe serviam galinha. De acordo com Sir Winston, ela respondeu-lhe: «Neste país pedimos carne branca ou carne escura.» Para se desculpar, enviou uma orquídea à senhora. Sendo Winston Churchill, juntou-lhe uma nota na qual se podia ler: «Ficaria muito grato se a pregasse na sua carne branca.»¹

Isto não quer dizer que o Reino Unido não tenha a sua história de puritanismo, mas a deriva genética entre as duas culturas significa que as palavras porcas nem sempre se traduzam directamente. No Reino Unido, o pedido *can I bum a fag?* não é nada mais escandaloso do que *cravar um cigarro*², mas um *fanny pack*³ soa a ginecologia. Também os nomes de animais revelam marcadas diferenças. Os nossos *cockerels* (galos) tornam-se *roosters* no Canadá e nos EUA; nos Estados Unidos, a nossa *cockroach* (barata) é simplificada para *roach*. No Reino Unido, no entanto, um *ill-treated ass*⁴ mais depressa vai parar a um abrigo para burros do que às urgências.

¹ G. Rayner, «Sir Winston Churchill Quotes: The Famous Lines that He Never Said», *Telegraph*, 13 de Outubro de 2014 – www.telegraph.co.uk/news/politics/conservative/11155416/sir-Winston-Churchill-the-famous-lines-that-he-never-said.html.

² *Fag* no Reino Unido quer dizer cigarro, mas nos Estados Unidos é diminutivo para *faggot*, ou seja, maricas. (N. do T.)

³ *Fanny* nos Estados Unidos significa nádegas e *fanny pack* é uma bolsa de usar à cintura, enquanto no Reino Unido *fanny* é calão para os órgãos genitais femininos. (N. do T.)

⁴ Nos Estados Unidos *ill-treated ass* refere-se a *cu maltratado*, enquanto um falante de inglês britânico assumiria que se estava a tratar de um *asno maltratado*. (N. do T.)

Dito isto, a enorme influência da cultura dos Estados Unidos sobre o resto do mundo faz com que os palavrões americanos pareçam familiares à maioria de nós. No sentido contrário isto não é tão verdade. O público dos EUA pode apreciar as séries *Downton Abbey* e *Doctor Who*, mas nenhuma delas dá grandes bases para os palavrões britânicos. Em várias ocasiões tive de explicar algumas das peculiaridades dos palavrões em inglês britânico aos meus colegas norte-americanos. Aqueles que mais vezes provocam um alto grau de perplexidade são *tosser*, *wanker* e *twat*¹, por isso – a bem dos norte-americanos que estejam a ler isto – aqui fica o meu guia prático:

No Reino Unido, o acto de beber num *pub* é altamente ritualizado. As bebidas são compradas em *rodadas*, ou seja, uma pessoa assume a responsabilidade de ir ao balcão pedir bebidas para todo o grupo. É suposto cada membro do grupo participar na compra recíproca de bebidas e participar no acto de beber estas bebidas. Isto explica por que razão os britânicos em grupos grandes costumam ficar bêbados até caírem para o lado: é só a nossa forma de ser educados. Não participar é – bem, ia escrever «não participar é ficar marcado como um excluído» –, na realidade, se quer que o considerem uma pessoa educada, não participar na compra de rodadas é inimaginável (pelo menos até começar o vomitância). Por isso, com isto em mente, vamos conhecer o Adam, o Barry e o Chris.

- O Adam esqueceu-se da carteira hoje à noite. Tem de pedir dinheiro emprestado para poder pagar uma rodada. O Adam é um *tosser*.
- O Barry esqueceu-se da carteira, mas não faz qualquer tentativa de pedir dinheiro emprestado. Bebe, mas não paga qualquer rodada. O Barry é um *wanker*.

¹ Em sentido literal *tosser* significa *punheteiro*, mas descreve pessoas que exibem um vasto leque de atitudes, desde a idiotice até ao armar-se em bom; *wanker* também significa, literalmente, *punheteiro*, mas expressa mais desdém pela pessoa do que *tosser*; *twat* é *pachacha*, mas também é usado para apelidar uma pessoa de tonta ou palerma. (N. do T.)

- O Chris «esquece-se» sempre da carteira, aceita bebidas em todas as rodadas e ainda tenta cravar algum dinheiro para comprar um *kebab* a caminho de casa. O Chris é um *twat*.

E é nisto que reside o poder dos palavrões: apesar de todo o seu valor de choque, o palavrão é surpreendentemente subtil. Usado com mestria, o calão pode ser atrevido, engraçado, escandaloso ou completamente ofensivo. E quando usamos palavrões, ou os ouvimos a serem usados, acontecem coisas únicas nos nossos cérebros e corpos. Dizer profanidades pode ajudar-nos a aguentar a dor, atenuar o *stress*, criar vínculos com os colegas e até ajudar-nos a aprender novas línguas. É, possivelmente, uma das mais antigas formas de linguagem que temos, tendo em conta a forma rápida como outros primatas inventaram os seus próprios palavrões, e acontece que é útil para caralho.

Muitas vezes já nos disseram que o calão não é inteligente ou grandioso, que é um sinal de um vocabulário atrofiado ou de um intelecto limitado. Mas posso garantir que os palavrões podem ser inteligentes e poderosos e que dizer palavrões é, social e emocionalmente, essencial. E não só, os palavrões ensinam-nos a conhecer a nossa própria psicologia e das nossas sociedades. E aquilo que aprendemos – e a forma como o aprendemos – é espectacular para caralho!

Sou evangélica na defesa que faço dos palavrões, não só por causa do argumento da liberdade de expressão mas porque os palavrões são benéficos para nós, enquanto indivíduos e enquanto espécie. Por serem tão emotivos, é natural querermos desligar-nos deles; mas os estudos comprovam que deveríamos ouvir mais atentamente quando alguém diz palavrões, porque o mais certo é que nos estejam a dizer alguma coisa importante. Embora não esteja necessariamente a incentivar as pessoas a dizerem mais palavrões, espero mesmo que possam dar-lhes o respeito que merecem, foda-se.